

GLOSSÁRIO DE ARQUITECTURA PORTUGUESA DE AUTOR

FERNANDO TÁVORA

Exposição na Galeria da Sede Nacional
da Ordem dos Arquitectos, Lisboa
13 a 28 de Fevereiro de 2025

Um encontro com a obra construída e teórica de autor

Avelino Oliveira

Presidente do Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Arquitectos

A arquitetura descreve-se através de termos, conceitos, materiais e técnicas. Descreve-se ainda por sensações e percepções espaciais que a visita a lugares desenhados por arquitetos promove naquele que esteja disponível para a aprendizagem de novas palavras. E as palavras ganham novos significados com cada autor.

A coleção **Glossário de Arquitectura Portuguesa de Autor**, elaborada no âmbito da participação e coordenação transversal de instituições com ensino em arquitetura, constitui um recurso útil para estudantes, profissionais e para o público em geral que assim se familiariza com os termos próprios da profissão, melhor compreendendo a terminologia específica através da associação da definição de palavras usadas na atividade dos arquitetos com ilustrativas imagens.

Fernando Távora, arquiteto português cuja abordagem única à arquitetura e ao ensino influenciou sucessivas gerações de arquitetos, inaugura esta primeira edição, que divulga o trabalho desenvolvido no semestre par do ano letivo 2023/2024 pelas três instituições que aderiram ao convite da Ordem dos Arquitectos. No âmbito desta iniciativa, enquanto exercício académico, destacam-se as suas práticas pedagógicas no ensino, onde integrou a história e a cultura dos contextos onde o arquiteto intervém; onde valorizou o desenho como ferramenta de ver, pensar e comunicar; onde promoveu a reflexão crítica através do debate como método que explora e incentiva ao questionamento; onde promoveu a aprendizagem prática e experiencial através da viagem e de visitas a obras e sítios de interesse arquitetónico;

e onde utilizou a sua experiência e conhecimento resultantes de ter participado no *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa*, nos anos 50-60 do século XX, valorizando uma arquitetura a que pouca atenção se dava.

Por todas estas razões, nesta edição, o Glossário de Fernando Távora, independentemente do nível de aprendizagem dos estudantes, demonstra a capacidade de desenvolver investigação em ambiente académico sobre a prática arquitetónica portuguesa, expondo pedagogias de três cursos de Mestrado Integrado. Nestes, promoveu-se o contacto com as obras, escritas e construídas, do seu espólio (nesta edição à guarda da Fundação Instituto José Marques da Silva a quem agradecemos a disponibilidade), com a visita aos edifícios, com a leitura dos seus escritos.

A Exposição e Publicação **Glossário de Arquitectura Portuguesa de Autor – Fernando Távora** inaugura um ciclo de desafios anuais, estando já em curso, em 2024/2025, a segunda edição sobre o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, reiterando-se o convite às universidades e lançando de novo o convite às escolas secundárias.

Coleção Glossário de Arquitectura Portuguesa de Autor

Sofia Aleixo

Pelouro da Cultura e Promoção da Arquitectura

Vogal do Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Arquitectos

A iniciativa **Glossário de Arquitectura Portuguesa de Autor** constitui um convite para um encontro entre docentes, estudantes do ensino secundário e universitário, e o público em geral, com a arquitetura de autores de referência, reunindo trabalhos de estudantes de todo o país na divulgação da qualidade da arquitetura produzida pelos arquitetos portugueses.

Trata-se de um evento anual, promovido pela Ordem dos Arquitectos – Conselho Diretivo Nacional, que procura nas Secções Regionais da instituição a sua dinamização nesses territórios, no continente e ilhas. Materializa-se na execução de um conjunto de painéis, no semestre par, como resposta a um exercício complementar e paralelo ao currículo da unidade curricular, exibido na instituição onde foi desenvolvido (podendo acolher os novos estudantes no início do ano letivo seguinte). Segue-se a itinerância na comunidade, nas sedes regionais da OA (até dezembro), e termina numa única exposição e publicação, com coordenação do CDN e evento público no início do ano, na sede da OA, em Lisboa.

Um Glossário de Arquitectura¹ é uma compilação organizada de termos, conceitos, materiais e técnicas, disponibilizando definições específicas que são frequentemente utilizadas em arquitetura.

Um Glossário de Arquitectura de Autor apresenta a compilação das palavras que melhor definem a produção de um autor, conforme definidos ou utilizados por si, proporcionando um “desenho escrito” da sua arquitetura, pela especificidade da sua abordagem às questões disciplinares e profissionais. Ao incluir definições, descrições, detalhes técnicos e estéticos de conceitos

arquitetónicos que são distintivos da obra de determinado arquiteto, pelas palavras do próprio autor que são citadas, oferece uma ferramenta única para a compreensão da filosofia e das metodologias de projeto defendidas e implementadas por esse arquiteto ao longo da sua vida.

A ideia de elaborar um Glossário de Autor não é nova². O que será inovador será a utilização de citações do autor sobre as palavras selecionadas, motivando a leitura de textos originais. Inovadora será a motivação de várias instituições de ensino aderirem ao desafio de estudar e compreender a obra de um autor, pelas suas próprias palavras e desenhos, durante um semestre, com estudantes de qualquer nível de ensino, do secundário ao superior. A essa capacidade mobilizadora dos seus estudantes, e à generosidade em partilhar com a comunidade os resultados destes trabalhos, estamos muito gratos, assim como aos estudantes que viram neste exercício académico um momento de aprendizagem diferenciador. É na diversidade de abordagens pedagógicas que podemos ser críticos e aprender que várias perspetivas são possíveis, que modos diferentes de ver e fazer proporcionam momentos de aprendizagem únicos.

Esta atividade estabelece uma ligação da OA às universidades, trazendo os estudantes à instituição, e proporcionando uma oportunidade de promover e divulgar a arquitetura, com o objetivo de divulgar as práticas pedagógicas que utilizam a reflexão sobre o ambiente construído e sobre a obra de autores de referência da arquitetura portuguesa. A leitura de textos de arquitetura encontra nas palavras da disciplina o léxico de cada autor, ilustrado com elementos de comunicação da arquitetura: o esboço, o desenho, a maquete e a fotografia da obra.

Fernando Luís Cardoso Menezes Tavares e Távora (1923-2005)³ inaugura esta iniciativa da Ordem dos Arquitectos em parceria com três instituições de ensino em arquitetura, refletindo três experiências pedagógicas localizadas em Lisboa, Faro e Évora. A liberdade proposta aos docentes foi concretizada em três

abordagens distintas. No Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, cada estudante selecionou uma palavra por letra, que se apresenta em três escalas distintas (doméstica, coletiva e urbana) da obra do autor. No ISMAT – Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, uma breve cronologia orientou as seleções de obras pelos estudantes, onde palavras iniciadas por uma letra ilustram a obra do autor; na Universidade de Évora, a seleção de palavras foi orientada pela consulta de publicações com textos do autor, e ilustrada pelo alfabeto desenhado pelo arquiteto para a Casa dos 24, no Porto.

Nesta exposição conjunta, disponibilizam-se para consulta os resultados individuais em encadernações dos painéis, e apresenta-se um conceito inclusivo, obtido pela complementaridade entre arquitetura e design gráfico. Mantendo o alfabeto desenhado pelo autor, selecionaram-se ilustrações no seu espólio (consultado na Fundação Instituto Marques da Silva – FIMS) e fotografias de visita de estudo aos edifícios e espaços públicos desenhados por Fernando Távora. Os textos apresentam em primeiro lugar uma definição da palavra disponibilizada nas versões online do Glossário da Ordem dos Arquitectos ou, na sua ausência, no Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa. Segue-se uma citação ilustrativa do arquiteto, na primeira pessoa, recolhida em leituras efetuadas pelos estudantes.

¹ A Ordem dos Arquitectos disponibiliza *online* um abrangente **Glossário de Arquitetura** em www.ordemdosarquitectos.org/glossario.

² Charles Rennie Mackintosh em <https://www.mackintosh-architecture.gla.ac.uk/catalogue/glossary/>, Frank Lloyd Wright em <https://museum.okstate.edu/site-files/2015/frank-lloyd-wright/frank-lloyd-wright-vocabulary.pdf>, Le Corbusier em <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/thematic-folder/corbusean-vocabulary/>, etc.

³ Membro inscrito no SNA-SRN n.º 108 em 17 de julho de 1950, com o n.º atualizado 45, foi distinguido como Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos em 21 de maio de 2003.

Fernando Távora a três escalas

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Alexandra Paio, Lorenzo Iannizzotto e Raquel Lopes

Docente no 5º ano do MIArquitetura e doutorandos em ATMC

Sob o mote da criação de um glossário do arquiteto Fernando Távora e da sua obra, explorou-se como um conceito, elemento ou material pode ser articulado através da obra do arquiteto nas diferentes escalas de intervenção e projeto: doméstica, coletiva e urbana. Esta abordagem visou compreender e sistematizar o pensamento e a prática de Fernando Távora, destacando a sua versatilidade nas várias escalas do projeto arquitetónico e urbanístico. A turma ARQ – E1 2023/2024 do Iscte, no âmbito do LabTUR 2.0–Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente, sob a coordenação da professora Alexandra Paio e dos doutorandos Lorenzo Stefano Iannizzotto e Raquel Gameiro Lopes, desenvolveu um trabalho aprofundado que resultou na construção de um *Glossário a Três Escalas*. Os resultados oferecem uma nova perspetiva sobre o legado de Fernando Távora.

A metodologia adotada iniciou-se com a identificação e seleção de termos centrais na obra de Fernando Távora, com base nas suas diferentes formas de produção — desenho, edifício, projeto e textos —, recorrendo à pesquisa online e à consulta da obra escrita publicada. A seleção deu ênfase às escalas coletiva e urbana, alinhando-se ao foco do LabTUR 2.0. Seguiu-se uma análise documental que envolveu desenhos, plantas, cortes e alçados originais, bem como textos teóricos e reflexivos do arquiteto, permitindo relacionar cada termo à prática projetual e ao pensamento crítico de Távora. Para cada termo selecionado, foram produzidas representações visuais que sintetizam o conceito em diferentes escalas. Estas representações incluem imagens de obras

construídas pelo arquiteto e desenhos de síntese, realizados com base nos documentos publicados, destacando elementos-chave de cada projeto. Os resultados preliminares foram apresentados e discutidos em sessões colaborativas entre os alunos, doutorandos e a professora, num processo iterativo que garantiu a consistência do resultado.

O produto final é um *Glossário a Três Escalas* que integra citações que evidenciam o pensamento teórico de Fernando Távora, representações visuais que ilustram cada termo nas escalas doméstica, coletiva e urbana, e desenhos analíticos e de síntese que traduzem os conceitos em diagramas. Este glossário constitui uma ferramenta pedagógica e de investigação, possibilitando que estudantes de arquitetura compreendam a abordagem multidimensional de Távora e que investigadores explorem conexões entre o pensamento teórico e a prática projetual. Além disso, o trabalho contribui para a valorização do legado de Fernando Távora, evidenciando a sua relevância contemporânea e adaptabilidade a diferentes escalas de intervenção.

Este glossário propõe-se não apenas como um repositório de termos, mas como um meio de fomentar a reflexão sobre a prática arquitetónica em Portugal.

Coordenação: Alexandra Paio, Lorenzo Stefano Iannizzotto e Raquel Gameiro Lopes

Estudantes da UC de Projeto Final de Arquitectura, 5º ano: Bárbara Garcia, Eliana Pâmpano, Igor Furtado, Ilesiane Cabral, Máira do Rosário, Paulo Saiote, Renata Pereira, Vera Ferreira e Wagner Moniz

Os elementos arquitetónicos nos equipamentos de Távora ISMAT - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Cláudia Gaspar

Docente no 3º ano do MIArquitetura

O Glossário visual Fernando Távora, elaborado pelos alunos do 3º ano do Mestrado Integrado do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes — MIA ISMAT, ano letivo 2023-2024 -, no âmbito da unidade curricular de Projeto VI, tem enquadramento na comemoração do centenário do arquiteto Fernando Távora (1923-2005) e no desafio lançado pela Ordem dos Arquitectos num trabalho a desenvolver em paralelo com outras universidades nacionais.

O trabalho focou-se nos elementos arquitetónicos particularizados nos equipamentos projetados por Távora, pois trata-se de um trabalho intercalado com a elaboração e desenvolvimento do projeto de um equipamento cultural em Portimão, em que os estudantes são desafiados a conceber o seu projeto tendo em consideração as premissas da obra e do modo de projetar do próprio Távora. Pretendeu-se, portanto, o convocar do autor na elaboração do exercício projetual do semestre.

A abordagem dos estudantes consiste na definição do termo escolhido segundo Távora, onde esteve implícito o estudo atento: das obras; da organização do espaço; dos elementos arquitetónicos; e dos registos de desenho, fotografia, vídeos e textos do arquiteto. Os estudantes fazem também uma abordagem temporal, contextualizando o percurso de vida de Távora, onde é possível ainda uma leitura da evolução do trabalho do arquiteto.

A metodologia adotada, de âmbito teórico-prático, permitiu que cada aluno pudesse pesquisar, estudar, identificar elementos arquitetónicos nos equipamentos de Távora, de acordo com cada letra do glossário. Este trabalho proporcionou um maior

conhecimento da obra, do autor e também dos elementos arquitetónicos constantes nas obras que, no seu conjunto, fizeram parte da investigação para o desenvolvimento do projeto do semestre. Fez também parte da metodologia a apresentação de propostas gráficas e de conceito pelos alunos Francisco Escoval, Mariana Guerreiro e Pedro Branco, tendo a conceção gráfica do trabalho sido desenvolvida por Francisco Escoval.

De salientar ainda, o que fica de fora dos painéis em exposição, mas que consta de um caderno elaborado no âmbito da unidade curricular, nomeadamente: o estudo de outros termos para além dos que foram selecionados por questões de otimização gráfica; a elaboração de desenhos de enquadramento de alguns termos; e o fato de ter sido feita também uma revisitação a obras de outros arquitetos e estudada a influência que Távora poderá ter tido nessas obras e nessa geração de arquitetos. Optou-se pela versão bilingue, não só para uma maior abrangência de leitores, mas também por ter sido elaborado por alguns alunos Erasmus, no ISMAT.

A exposição — *Glossário visual Fernando Távora. Os elementos arquitetónicos nos equipamentos de Távora* —, esteve patente no átrio do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISMAT), em setembro de 2024.

Coordenação: Cláudia Gaspar

Conceção gráfica: Francisco Escoval

Estudantes da UC de Projeto VI, 3º ano: Aitor Bal, Carolina Correia, David Apetrei, Emily Teles, Fábio Ustych, Francisco Escoval, João Moreira, Joel Palma, Laura Nabiça, Mariana Carvalho, Mariana Guerreiro, Mike Romano, Ricardo Correia, Rui Águas. Sara Ribeiro, Sofia Gomes, Susana Ferreira, Tiago Cruz, Vasile Gusan e Yağmur Çiçek.

“As definições são sempre difíceis...”*

Universidade de Évora

Sofia Aleixo, com João Santa Rita e Catarina Almada Negreiros

Docentes no 1º ano do MIArquitetura

A exposição *Glossário Fernando Távora* apresenta os resultados do estudo da obra de Fernando Távora efetuado pelos estudantes do 1º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura em 2023.2024, no âmbito da unidade curricular Projeto I e II. Se no semestre ímpar foram selecionadas obras para compreender o desenho de arquitetura e explorar a organização do espaço, no semestre par procurou-se compreender os textos investigando o significado das palavras que, no seu conjunto, podem expressar a identidade da arquitetura pensada e construída por Fernando Távora. Essa pesquisa, através da leitura dos seus escritos ou do visionamento de vídeos onde discursa na primeira pessoa, forneceu as entradas incluídas neste Glossário, ou seja, as palavras e/ou expressões utilizadas na área disciplinar da Arquitetura e a respetiva descrição (escrita e visual), apresentando-as alfabeticamente. O Glossário *online* da Ordem dos Arquitectos orientou a seleção das palavras no âmbito disciplinar e a versão digital do Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa orientou os restantes termos.

Para a concretização deste glossário os alunos foram convidados a realizar um conjunto de atividades pedagógicas, nomeadamente o redesenho e a elaboração de maquete de algumas das obras mais conhecidas de Fernando Távora, como a Casa sobre o mar, o Pavilhão de Ténis, o Mercado de Santa Maria da Feira, a Casa de Ofir, a Casa dos 24 e a Casa de Briteiros, entre outras. Seguiu-se a visita à Fundação Instituto Marques da Silva, guardiã do espólio, e a visita de estudo à Quinta da Conceição (Matosinhos) e à cidade Património da Humanidade de Guimarães. Estas atividades

permitiram aos estudantes de arquitetura visionarem os textos e desenhos originais do arquiteto Fernando Távora e o conhecimento direto da sua obra através da experiência sensorial. Salienta-se que as obras visitadas em Guimarães – Pousada de Santa Marina, Centro histórico de Guimarães e Centro Cultural, foram orientadas pela arquiteta Alexandra Gesta, diretora do Gabinete do Centro Histórico de que Fernando Távora foi consultor.

Assim, resulta de todo o trabalho realizado pelos alunos e orientado pelos docentes a exposição *Glossário Fernando Távora* apresentada à comunidade universitária em maio de 2024 e à cidade de Évora em setembro de 2024, na sede da OA – SRAlentejo.

O exercício Glossário Fernando Távora permitirá adquirir as seguintes competências em Arquitetura: criar uma base colaborativa de palavras-chave; criar um conjunto de conceitos a ser apreendido na aprendizagem em Arquitetura; criar um recurso de consulta com as melhores referências sobre a vida e obra de um/a Arquiteto/a Português/a referencial; e utilizar ferramentas digitais para pesquisa (catálogos digitais e bases de dados de bibliotecas universitárias e da OA), partilha (de textos, vídeos, imagens ou ficheiros de som: Moodle), produção de elementos, e comunicação de arquitetura às comunidades, como atividade de extensão da Universidade de Évora.

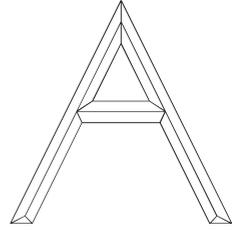
* “As definições são sempre difíceis e perigosas pelo carácter de limitação que implicam”
Fernando Távora, 2013

Organização: Sofia Aleixo, João Santa Rita e Catarina Almada Negreiros (Docentes), com Rita Amaro e Vanessa Costa (Monitores)

Estudantes da UC de Projeto II, 1º ano: Abdulrauf Shakrah, Alione Tibério, Ana Marta Marques, Andreia Camacho, Bruna Cláudio, Carolina Costa, Catarina Louro, Catarina Silva, Cateleane Ocante Sá, César Paulo, Daniel Veiga, Diogo Nepomuceno, Doménica Gordon, Érica Liu Zhou, Francesca Merritt Lopes, Francisca Reguinga, Gabriel Pomba, Gabriel Guedes, Guilherme Teles, Hugo Madruga, Iara Solipa, Inês Véstia, Israel Kiazayilua, Joana Silva, João Ribeiro, João Ludovino, Joselyne Giler, Julian Figueiredo, Kamila Cevallos, Leandro Rodrigues, Lídia Lopes, Maria Paz, Mariana Madeira, Mariana Ramos, Miriam Sécio, Olesia Vinyk, Paulo Lindao, Pedro Pato, Rodrigo Veríssimo, Salva Cepeda, Sharon Massingue, Sofia Guerreiro, Sofia Velasco, Soldinho Sá, Tatiana Dias, Yan Revuchenko.

Agradecimentos: Escola de Artes - Universidade de Évora, Secção Regional do Alentejo da Ordem dos Arquitectos, CCDR Alentejo, e Cabido da Sé de Évora.

**GLOSSÁRIO DE ARQUITECTURA
PORTUGUESA DE AUTOR**
FERNANDO TÁVORA



ARQUITETO

título atribuído pela Ordem dos Arquitectos ao profissional responsável por projetos, planos e atividades de consultoria, gestão e direção de obras, planificação, coordenação e avaliação, no domínio da arquitetura. O arquiteto projeta assim o edifício, controla as fases de construção, observa as necessidades do útil e a satisfação dos desejos humanos, quer estes signifiquem ordens ontológicas, estéticas ou éticas.

“Os seus campos de actividade são múltiplos – porque múltiplas são as facetas do espaço organizado. Projecta e realiza edifícios, dedica-se ao planeamento do território a escalas várias, desenha mobiliário.” [19, p.74]

ARQUITETURA

conjunto de técnicas e saberes tendo em vista o projeto, a construção e edificação de imóveis no espaço; disposição dos elementos, das partes ou das linhas que formam a estrutura de uma realidade de ordem material ou intelectual.

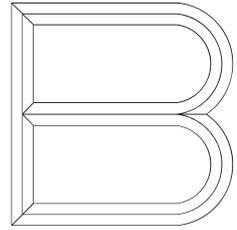
“Acreditei então que a Architectura era sobretudo um acontecimento como tantos outros que preenchem a vida dos homens e, como todos eles, sujeita às contingências que a mesma vida implica” [8]

“Arquitectura é espaço organizado para os homens de um determinado momento, vivendo em determinado lugar, mas organizado com qualidade” [20, p.54]

ATELIER

local onde trabalha um artista; grupo de trabalho para aprofundar conhecimento.

“O atelier é tebaida onde se concentra a cabeça, o coração e a mão do arquitecto, a cabeça e o coração pensam e sentem, a mão é o instrumento do desenho. Não direi que aí nascem todas as ideias, elas nascem em qualquer momento e em qualquer lugar, mas é aí que elas se escarpelizam, que elas adquirem rigor e geometria. O atelier é a cela de mãos, a caverna do eremita, o gabinete do comando, a fieira onde a ideia e a matéria se domesticam.” [14, min.37:12-37:50]



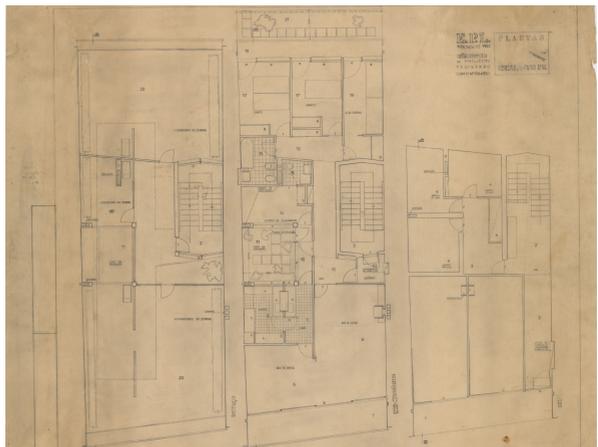
BETÃO

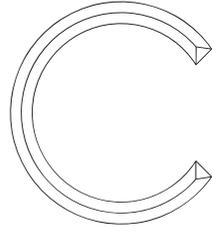
mistura de cimento, areia e pedra amassada com água, usada na construção.

“Quando este reduz a função da casa na equação “maison - machine à habiter” nada mais procura do que a suprema simplicidade, a simplicidade da máquina (e do betão armado), na qual, pode dizer-se, nada é inútil, e em que, conseqüentemente, tudo é funcional.” [2, p.85]

**BLOCO DE HABITAÇÕES
NA FOZ, PORTO**

1954





CARÁCTER

traço característico, distintivo de um ser, de uma coisa, o que o caracteriza.

“O arranjo de cada praça ou largo reveste-se de um carácter próprio de acordo com a sua forma, as suas funções, o seu ambiente construído, até a sua época. Assim será “barroco” o carácter da Praça do Município, “medieval” o carácter da Praça de Santiago, “renascentista” o do Largo de João Franco e “romântico” o do Largo da Condessa de Juncal.” [24, p.178]

CASA

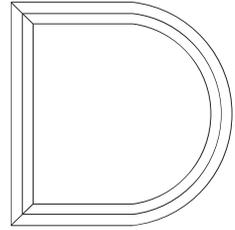
edifício destinado a habitação.

“Com efeito, não basta construir casas ou cidades ou templos, é necessário possuir-se a garantia do seu interesse para aqueles a quem tais obras se destinam; vivendo-as, eles colaboram não já na criação mas na própria existência dessas manifestações.” [20, c3 - p.37]

CIRCUNSTÂNCIA

aquilo que é feito ou adaptado a uma situação formal, a uma ocasião solene; motivação ou facto que precede ou acompanha uma atitude ou uma ação.

“(…) conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser.” [19, p.22]

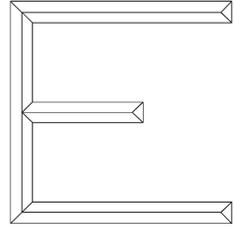


DESENHO

forma de comunicação pela imagem ou sinais convencionados;
reprodução de formas por meio de linhas traçadas num plano.

“O desenho é, em primeiro lugar, um processo de criação e, em segundo lugar, é um processo de transição de conhecimentos. Suponho que o desenho devia ter esses dois vectores claramente marcados: por um lado um vector de criação e da tradução do próprio processo de criação, e por outro lado ter uma clareza que lhe permita ser uma arma, serviço, um elemento de informação da concepção.” [13, p.13]

“Aquilo que me interessa, aquilo que ensino, é a necessidade da variedade do projecto, a necessidade de unidade no projecto... A importância que ainda atribuo ao desenho manual tradicional... A experiência... de uma definição de pormenor, por vezes desenvolvida quase até à escala natural... Uma cultura do pormenor, uma cultura enraizada... Um fazer simples e natural... O projecto nasce do conhecimento do lugar, mas ao mesmo tempo, a minha arquitectura define qual o lugar... O tempo é o meio com que se faz arquitectura.” [4, p.47]



ESCALA

relação entre as distâncias ou dimensões representadas numa planta ou outro desenho e as distâncias ou dimensões correspondentes procuradas ou existentes.

“A cidade contemporânea atinge assim uma forma dominadora, uma escala visual cujo domínio o homem não pode controlar, e domina e absorve no seu crescimento todo o espaço que a envolve, quer o espaço horizontal onde assenta, quer o espaço vertical que as possibilidades da técnica lhe permitem ocupar.” [19, p.35]

ESPAÇO

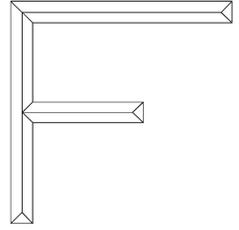
área, zona determinada, numa superfície de maiores ou menores dimensões.

“Visualmente, portanto, poderemos considerar que as formas animam o espaço e dele vivem, mas não deverá nunca esquecer-se que, num conceito mais real, o mesmo espaço constitui igualmente forma, até porque aquilo a que chamamos espaço é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor.” [19, p.73]

**CASA DR. FERNANDO
RIBEIRO DA SILVA, OFIR**



1958



FACHADA

cada um dos lados exteriores ou faces de um edifício.

“A fachada (...) funciona em certo sentido, como uma espécie de óculos (...), onde se poderiam enquadrar vários quadros da paisagem (...)” [22, p.190]

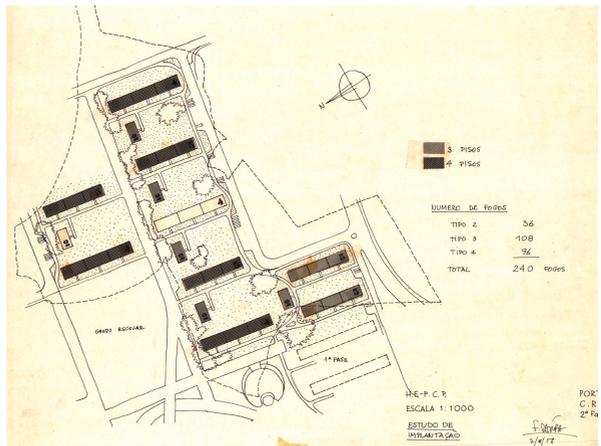
FORMA

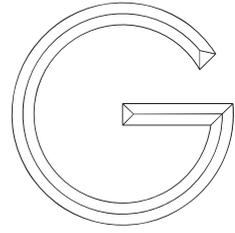
configuração ou aparência externa de um objeto;
a figura, tal como é definida por linhas, ângulos e suas interseções; opõe-se à matéria que constitui esse objeto.

“(...) qualquer forma, estrada, barragem, casa, pintura, qualquer elemento organizador do espaço, tem, pelo menos, dois aspectos: qualitativo (...), quantitativo. (...) um aspecto técnico; um aspecto artístico. Não é concebível a forma puramente plástica, como não é concebível a forma puramente técnica. (...) Pode chamar-se perfeita aquela forma que traduz o exacto doseamento dos aspectos plástico e técnico.” [4, p.89]

UNIDADE RESIDENCIAL DE RAMALDE, PORTO

1958





GARLOPA

ferramenta destinada a aplainar madeira; plaina grande.

“Uma garlopa é uma plaina comprida de um carpinteiro.” [16, min.4:17-4:23]

GRANITO

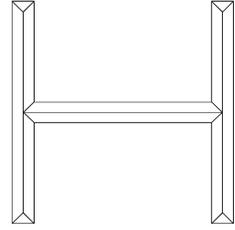
rocha eruptiva, plutónica, dura, de textura granular e cristalina, formada essencialmente por feldspato alcalino, quartzo e mica, mais ou menos agregados e de cor variável conforme as proporções dos constituintes.

“Dum modo geral, utilizam-se materiais simples mas sóbrios e duradouros nos revestimentos e na construção dos elementos fundamentais utiliza-se a alvenaria de granito, o betão armado, a madeira e a telha.” [5, p.121]

**MERCADO MUNICIPAL,
SANTA MARIA DA FEIRA**

1959





HABITAÇÃO

ação ou resultado de habitar; lugar ou casa onde se vive ou mora normalmente passando-se aí sobretudo a noite.

“(…), porque é sobretudo na habitação que o homem deve encontrar o “seu” espaço, o ambiente criado à escala das suas necessidades e das possibilidades, quer como indivíduo, quer como elemento de um grupo social.” [19, p.16]

HARMONIA

combinação dos elementos de um todo, de uma obra, que produz um efeito estético ou agradável.

“É a palavra que traduz exactamente equilíbrio, jogo exacto de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correcta de factores.” [19, p.14]

HISTÓRIA

relação ou narração de factos passados que dizem respeito às condições e às fases de existência ou de evolução de uma arte, ciência ou de qualquer outra coisa.

“(…) História, que iria desde a consideração do espaço natural do país ao modo como os portugueses o organizaram ao longo do tempo e o organizaram com o seu urbanismo, com as suas actividades agrícolas, com a sua arquitectura, com o seu mobiliário, com a sua pintura.” [19, p.47]



INFRAESTRUTURA

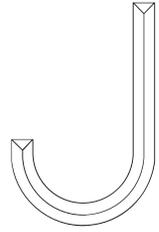
conjunto de elementos, de instalações ou serviços considerados necessários, básicos, para a criação e funcionamento de uma organização.

“Os alunos vão atrás de uns detalhes e as obras são todas iguais. Entendo que deve haver uma volição própria do arquitecto e do cliente da casa, e se ela não existe, a casa não serve nem ao arquitecto nem ao cliente. (...) Uma casa em Lisboa é diferente de uma casa no Porto ou no Algarve, mas há infra-estruturas regionais que também é preciso estudar. (...) A Arquitectura tem muito a ver com a gente, tem de ser uma espécie de vestido que se faz” [4, p.63]

INQUÉRITO

ação ou resultado de inquirir; investigação que tem por fim averiguar da verdade de certos factos; estudo de uma determinada questão, social, económica, política, através da recolha das opiniões, dos testemunhos das pessoas.

“O estudo da arquitectura portuguesa não está feito (...) A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra aquela que está mais de acordo com as novas intenções (...).” [7, pp.10-11]



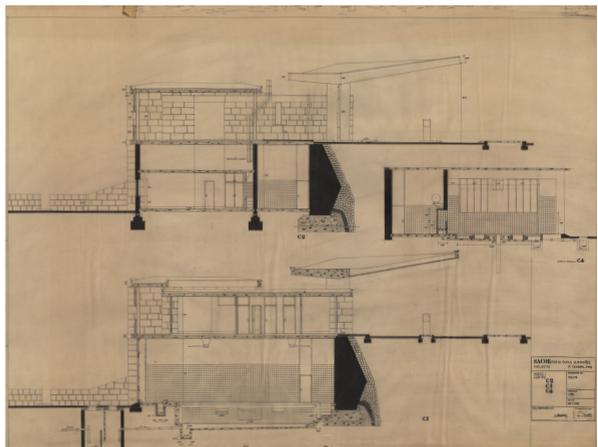
JANELA

abertura numa parede destinada à ventilação e iluminação.

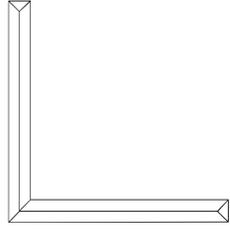
“Fazer uma janela não é abrir um buraco num muro, mas emoldurar uma paisagem” [4, p.59]

“Fez-se uma janela, que tem 20 metros e é como se estivéssemos no cimo de uma montanha para ver o Porto, é como uns óculos virados para o Porto. Como se fossemos fazendo quadros do Porto.” [22, p.190]

**POSTO
DE ABASTECIMENTO
DUPLO (SACOR),
GUIMARÃES**



1959



LUGAR

parte determinada de um espaço.

“O lugar é a contextualização do espaço e da sua envolvente.” [20, p.71]

LUZ

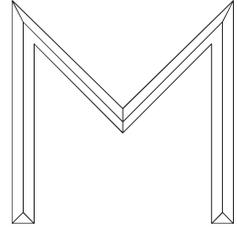
clareza (...), em contraste com a sombra.

“... por exemplo, as cidades de Nova Iorque e Teotihuacan, as pirâmides de Gizé e o palácio de Katsura, Versalhes e a acrópole de Atenas... Variam a luz, as formas naturais dos terrenos e a sua constituição, variam os usos e costumes... varia, numa palavra, a circunstância de cada um desses mundos diferentes de formas que o homem criou.” [19, p.37]

**PAVILHÃO DE TÊNIS
DA QUINTA
DA CONCEIÇÃO,
MATOSINHOS**



1960



MODERNISMO

designação dada a um conjunto de manifestações e movimentos artísticos europeus dos princípios do século XX.

“Defendi sempre uma posição que não era de compromisso, a que eu chamei, por várias vezes, de terceira via. Considerei sempre que tanto o modernismo como o tradicionalismo eram posições erradas”^[4, p.31]

MODULAÇÃO

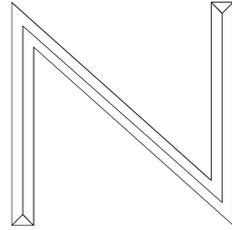
acto ou efeito de estabelecer uma escala ou rede modular num projeto para edificações.

“Num quadrado de 50x50 metros implantar um mercado. Um módulo, também quadrado, de 1x1 metros, comanda a composição e introduz-lhe a sua geometria.”^[9]

**ESCOLA PRIMÁRIA
DA QUINTA DO CEDRO,
VILA NOVA DE GAIA**



1961



NATUREZA

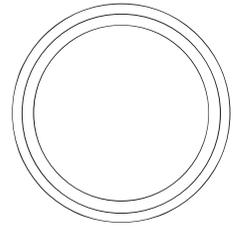
manifestação das forças naturais numa determinada região ou país.

“O espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que, por isso, eles têm o dever, na ordem moral, de organizar com harmonia, não esquecendo que, na ordem prática, ele não pode ser delapidado, até que o espaço que ao homem é dado organizar tem os seus limites físicos, facto pouco sensível, por exemplo, na escala do objecto mas já extraordinariamente sensível na escala da cidade ou da região.” [19, p.27]

NÍVEL

altura ou grau de elevação de uma linha ou de um plano, em relação a um plano horizontal que lhe é paralelo.

“(…) o lote de Nascente, de pouca profundidade encosta a um talude de Caminho-de-Ferro e o do Poente (com 70,00m de frente por 50,00m de fundo) situa-se a um nível bastante mais baixo do que o da Variante que nesta zona passa em aterro.” [10, p.5]



OBRA

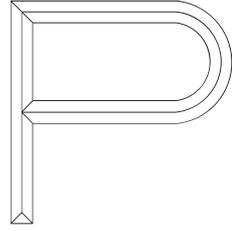
qualquer construção ou intervenção que se incorpore no solo com carácter de permanência, ou que sendo efémera, se encontre sujeita a licença administrativa ou comunicação prévia nos termos do RJUE.

“(…) fazer uma obra de arquitectura admito que seja mais demorado do que escrever um livro. Uma obra, quando a gente pensa, desenha, a coordenação de trabalhos exteriores, depois realizá-la, tudo isso. Ora bem, o gozo de tudo isso, o gozo de todos os pequenos acidentes, porque tudo isso marca a obra, nós estejamos de acordo ou não estejamos, tudo isso é que dá às obras um carácter próprio.” [20, p.18]

ORGANIZAÇÃO

submeter a um método, a uma certa disciplina.

“Podemos, talvez, considerar dois tipos de participação na organização do espaço; uma participação que chamaremos horizontal, que se realiza entre homens da mesma época; uma outra, a que chamaremos vertical, que se realiza entre homens de épocas diferentes. São dois aspectos de uma mesma realidade (...).” [19, p.20]



PATRIMÓNIO

conjunto dos bens materiais e imateriais transmitidos pelos antepassados e que constituem uma herança coletiva.

“(...) Daí que quanto a nós não seja mais possível isolar os dois termos de território e património, considerando este apenas como o conjunto de valores construídos ou naturais de especial significado (...). E o que acontece no espaço acontece, quanto a nós, igualmente no tempo (...). Património não pode ser apenas aquilo que os antepassados (...) nos deixaram. O património resulta dum criação permanente e colectiva e o próprio acto de recuperação do património tem de ser um acto de criação e não um acto de rotina burocrática ou de capricho pessoal.” [15, p.56]

PRAÇA

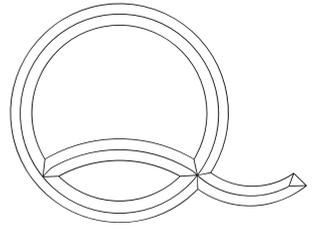
lugar público, amplo, cercado de edifícios, onde habitualmente desembocam diversas ruas.

“A Câmara Municipal de Guimarães fez uma obra notável a que eu estou ligado, na reconstrução das praças, dos caminhos, dos monumentos... é uma obra notável enquanto obra na cidade. Guimarães tem um núcleo histórico, tem uma muralha histórica, e tem a zona moderna. Era preciso ligar aquilo tudo porque há coisas populares que estão completamente em ruína em Guimarães. Agora já foi criado em Guimarães um grupo para defesa do património, que está a actuar.” [18, p.48]

PROJETO

traços ou ideias mais ou menos pormenorizadas de um trabalho que se pretende realizar; descrição e representação gráfica de uma estrutura que se pretende edificar.

“Projectar, planear, desenhar devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai construir circunstâncias” [19, p.74]

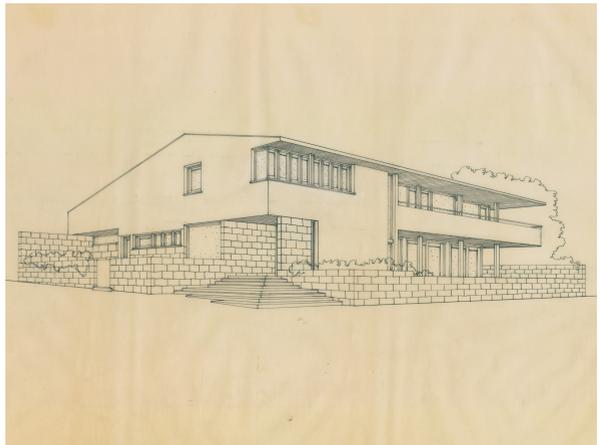


QUARTEIRÃO

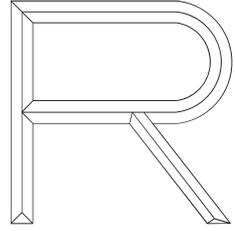
área urbana, (...), delimitada por ruas em todos os lados

“A solução adoptada para o novo desenho do quarteirão evidencia, particularmente em relação aos novos edifícios, além dos condicionamentos urbanísticos relacionados com a diferença de cotas e a materialização do Edifício Municipal, alguns condicionamentos “de ordem económica, no sentido de se obter uma solução que fosse facilmente realizável, através de negociações com as principais partes interessadas”^[11]

**EDIFÍCIO-SEDE
DA ASSEMBLEIA,
GUIMARÃES**



1969



RECONVERSÃO

conjunto de intervenções arquitetónicas que visam atualizar o imóvel construído, viabilizando-o para outro fim, respeitando as características fundamentais da construção.

“(…) continuar inovando, contribuindo assim para a vida já longa do edifício, conversando e reafirmando os seus espaços mais significativos ou criando novos, de acordo com as exigências da nova função, em diálogo com o antigo.”^[12]

RESTAURO

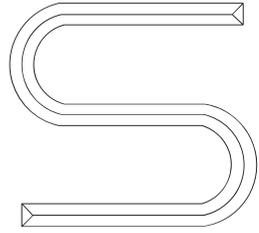
ação de reparar o que se encontra danificado, em mau estado.

“A obra foi total, mantendo-se tudo aquilo que possuísse realmente carácter e se não tratasse de pastiche (...) Creio que o importante nesta obra foi o estabelecer de um critério de restauro diferente do critério corrente entre nós. Procurei que a este arranjo presidisse um critério saudável: nem negar o passado nem pretender continuá-lo copiando-lhe as formas”^[23]

RUA

caminho ladeado de edificações, construído dentro de uma cidade, burgo ou vila.

“No decorrer dos anos do curso na F.A.U.P., o desenho e os conceitos de arquitectura sempre foram essenciais, mas foi perante o natural, a clareza das formas e dos materiais do centro histórico da minha cidade, o desenvolvimento da reabilitação feita enquanto percorria aquelas ruas e praças, que me entusiasmaram e, afinal, a arquitectura foi-se tornando mais clara.”^[4, p.9]



SELECIONAR

escolher alguém ou alguma coisa de acordo com determinada preferência ou consoante as suas características; fazer uma seleção.

“Esquecer é um fenómeno paralelo ao fenómeno de lembrar (...) porque se não retirares algumas coisas da tua cabeça (...) ficas com a tua memória complicada. (...) Esquecer é tão importante como lembrar é uma complementariedade. E mesmo no projecto é preciso esquecer (...) para avançar para aqui ou para avançar para acolá, escolher caminhos, seleccionar!” [17, min.7:30-16:29]

SIMETRIA

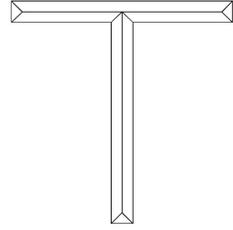
qualidade do que é simétrico, do que está regularmente disposto em relação a uma linha mediana.

“A sua traça é renascentista, equilibrada e com preocupações de simetria, a lembrar os palacetes italianos de Verona.” [4, p.123]

**CASA DA COVILHÃ,
GUIMARÃES**



1976



TEMPO

sucessão de momentos, de horas, de dias, de anos, em que se desenrolam os acontecimentos; período em que se vive; momento presente; período do passado.

“Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir.” [19, p.34]

TRADIÇÃO

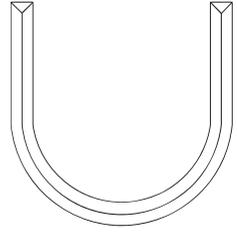
transmissão de valores e de factos históricos, artísticos e sociais, de geração em geração, através da palavra ou do exemplo.

“Procurei que a este arranjo presidisse um critério saudável: nem negar o passado nem pretender continuá-lo copiando-lhe as formas; ensaiar um diálogo com esse legado na nossa linguagem actual e obter dessa síntese de linguagens uma obra fresca e alegre a que não falta, evidentemente, o romantismo da presença do legado antigo que se conservou e valorizou...” [23]

TRADICIONAL

que é baseado em práticas repetidas ao longo de várias gerações.

“Por estranhos raciocínios estabeleceu-se (é o termo) que a nossa arquitectura «tradicional» era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos cuja aplicação seria suficiente para produzir casas portuguesas.” [7]



UNIDADE

característica do que é um, único ou uniforme; harmonia na disposição e coordenação do conjunto das partes de uma obra artística ou científica.

“Unidade é sinónimo de reconhecimento de leis exteriores, ou de leis que, sendo formuladas pelo próprio homem, sejam de carácter universal.” [20, p.33]

URBANO

que é relativo ao ordenamento urbanístico de determinada zona.

“A noção que eu tenho da arquitectura é que os arquitectos não deviam existir, ou melhor, que o arquitecto é uma espécie de mal necessário. O ideal era que todos fossemos arquitectos.

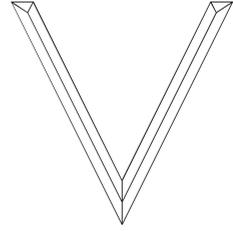
E realmente somos. Quando você pinta a sua sala, faz arquitectura.

Vejo a arquitectura num sentido do conjunto, do mais e do menos, e por isso não consigo separá-la em grande arquitectura e pequena arquitectura, urbanismo, jardinagem.” [21, p.XI]

**POUSADA DE SANTA
MARINHA DA COSTA,
GUIMARÃES**

1985





VALORES

fundamentos morais que orientam a ação humana.

“Prentendeu-se aqui um diálogo, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura. Tal diálogo constitui um método por meio do qual se sintetizaram as duas vertentes complementares a considerar na recuperação de uma preexistência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores, através da arqueologia e da história, e uma concepção criativa na avaliação desses valores e na elaboração do processo da sua transformação.” [23, p.175]

VÃO

espaço que não contém coisa alguma; distância entre dois apoios consecutivos de uma estrutura.

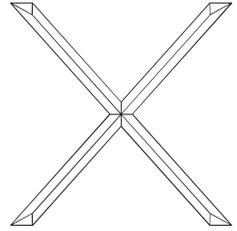
“O vão que cobre a passagem de acesso à Casa da Eira é reconstruído em madeira, apoiado nos cachorros de pedra existentes, estabelecendo continuidade com a varanda exterior e com a sala principal e simulando uma das partes destruídas da casa.” [22, p.389]

VARANDA

obra saliente praticada no sítio da abertura de uma janela ou porta rodeada de grade ou balaustrada; sacada; balcão.

“...rigidez da forma e pelo desenho da varanda altaneira, parece-nos estar em presença de um prédio de características citadinas.” [3, p.32]

“O telhado assimétrico, de cumeeira lançada a eixo do corpo dos quartos, deixando descair o beirado baixo sobre a varanda, envolve e ata o conjunto conferindo-lhe unidade volumétrica” [3, p.49]



XISTO

designação comum das rochas metamórficas com a propriedade de se dividirem em lâminas.

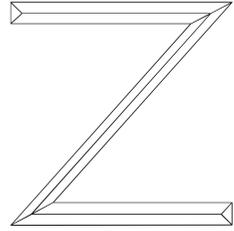
“Contudo, o cunho primitivo de hábitos de vida em si mesma ressalta da construção espessa onde só surgem à luz do dia os materiais monolíticos, únicos capazes de envelhecer de durar e envelhecer eternamente. E assim permanecem séculos na sua forma quase inalterável, assentes na fraga que lhes serve de fundação, construídos de granito ou de xisto...” [6, pp.32-34]

“No ante-projecto entregue à câmara em finais de Janeiro 1958, este esquisso manteve-se integral, salvo algumas correções a nível de telhados, desenho topográfico e janelas. Integral tanto em planta, alçado e corte, bem como na sua ideia de materialidade, «utilizando materiais e processos de construção económicos.» Granito, madeira, cal, xisto e um ou outro elemento em betão foi a experiência corpórea idealizada para a escola, traduzindo o interior rural minhoto para o centro de uma urbe em crescimento.” [1]

CASA DA RUA NOVA,
GUIMARÃES

1987





ZONA

extensão do território de uma região (...) diferenciada por certas características físicas, económicas, políticas.

“(...) até porque a zona da cidade antiga, com terríveis inconvenientes (...) apresenta por outro lado aspectos de carácter social extremamente interessantes (...)” [24, p.38]

CASA DOS 24, PORTO

1995



Fontes das citações:

- [1] Asociación Iberoamericana de Historia Urbana. (2016). Actas Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana. Santiago de Chile.
- [2] Costa, C. A. (2016). Fernando Távora e a Modernidade: Pablo Picasso, Fernando Pessoa, Le Corbusier e a Arquitectura Tradicional Portuguesa. Dissertação de Mestrado, FAUP.
- [3] Costa, J. (2013). Fernando Távora: olhar e tempo. Tese de Doutoramento em Arquitetura. Universidade Lusíada de Lisboa.
- [4] Leite, A. R. (2009). Fernando Távora e a Organização do Espaço Público em Guimarães. Dissertação de Mestrado, FAUP.
- [5] Mendes, M. (2015). Fernando Távora, Minha Casa: Vol. 5. Sobre o 'projecto-de-arquitectura' de Fernando Távora. Porto: FIMS – FAUP.
- [6] Sindicato Nacional dos Arquitectos. (1961). Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos.
- [7] Távora, F. (1947). O Problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura, nº 1. Lisboa.
- [8] Távora, F. (1958). Memória descritiva: Escola Primária da Quinta do Cedro.
- [9] Távora, F. (1959). Memória descritiva: Mercado Municipal de Santa Maria da Feira.
- [10] Távora, F. (1961). Memória descritiva: Posto da Sacor.
- [11] Távora, F. (1963). O Encontro de Royaumont. Arquitectura, n.79 (julho), p.1.
- [12] Távora, F. (1985). Memória descritiva: Pousada de Santa Marinha. Guimarães [Boletim da DGEMN, nº130, Ministério das Obras Públicas].
- [13] Távora, F. (1986). Conversaciones en Oporto. Arquitectura: revista del colegio oficial de arquitectos de Madrid, IV(261), pp. 22-28.
- [14] Távora, F. (1986). Os Anos Não Contam [Vídeo]. RTP Arquivos.
- [15] Távora, F. (1987). Património (comunicação ao I Congresso da Região Norte, Porto).
- [16] Távora, F. (1993). Fragmentos de um Percurso [Vídeo]. Fundação Marques da Silva - Facebook.
- [17] Távora, F. (1999). Entrevista a Fernando Távora [Vídeo]. YouTube.

[18] Távora, F. (2003) A experiência do ensino e da arquitectura - entrevista de Rui Barreiros Duarte a Fernando Távora. *Arquitectura e Vida*, n.37 (abril), pp. 42-49

[19] Távora, F. (2008). *Da organização do espaço* (8ª ed.). Porto: FAUP. (obra original publicada em 1962).

[20] Távora, F. (2013). *Minha Casa*. Porto: FAUP.

[21] Távora, F. (2020) Prólogos. In M. Mendes (coord.) *Fernando Távora - As Raízes e os Frutos palavra desenho obra 1937–2001*. Porto: FIMS, U.Porto Press.

[22] Távora, F. (2023). *Novo/Antigo - Conversas*. Lisboa: Edições Afrontamento.

[23] Távora, F. (2023). *Novo/Antigo - Obras*. Lisboa: Edições Afrontamento.

[24] Trigueiros, L. (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau.

Definições:

Dicionário da Língua Portuguesa. Academia das Ciências de Lisboa.
Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/>

Glossário da Ordem dos Arquitectos. Ordem dos Arquitectos. Disponível em <https://ordemdosarquitectos.org/glossario/>

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA
FERNANDO TÁVORA

1923. Fernando Távora nasce no Porto, a 25 de Agosto.

1941. Matricula-se na Escola de Belas-Artes do Porto.

1945. Inscreve-se no Curso Superior de Arquitectura.

Inicia atividade profissional.

Publica uma primeira versão de

“O Problema da Casa Portuguesa”.

1948. Trabalha na Câmara Municipal do Porto, até 1954.

Participa no 1º Congresso

Nacional de Arquitetura

e em encontro do

ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos).

1950. Conclui o Curso Superior de Arquitetura, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, com o CODA “Casa sobre o Mar”.

1951. Convidado por Carlos Ramos para assistente na ESBAP.

1954. Muda o escritório na Praça D. João I para a Rua Duque de Loulé.

Casa-se com Maria Luísa Rebelo de Carvalho Menéres,

com quem virá a ter três filhos: José Bernardo (arquiteto), Maria José e Luísa.

1955. Inicia a sua participação na encomenda do Sindicato Nacional dos Arquitectos — Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, coordenando a equipa do Minho, com Rui Pimentel e António Menéres.

1958. Entra como consultor para a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Assistente do Curso de Arquitetura da ESBAP.

1960. Viagem de Estudo com Bolsa da Fundação Calouste

1961. É publicado o livro “Arquitetura Popular em Portugal”.

1962. Publica “Da Organização do Espaço”.

1974. Professor efetivo da ESBAP.

1975. Participa no SAAL, coordenando as Brigadas de Miragaia e da Prelada.

1983. Consultor do recém-criado “Gabinete do Centro Histórico”, em Guimarães, dirigido por Alexandra Gesta,



que deu origem em 1985, ao Gabinete Técnico Local, instalado em edifício que restaura, vindo a receber o Prémio Europa Nostra.

1987. Prémio Nacional de Arquitectura, atribuído pela Associação dos Arquitetos Portugueses à Pousada de Santa Marinha da Costa.

Recebe a Medalha de Ouro da cidade do Porto.

1989. Inicia a sua colaboração com a Universidade de Coimbra.

1993. Última aula na FAUP.

Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

Recebe a Comenda da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada, da Presidência da República.

Exposição retrospectiva "Fernando Távora – Percursos", no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

1995. Prémio AICA-SEC Arquitectura, da Associação Internacional de Críticos de Arte.

1996. Integra a Comissão Instaladora do Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, em Guimarães.

1997. Funda sociedade de arquitetura com o seu filho José Bernardo.

Muda o escritório para um novo edifício, na Rua do Aleixo, com Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura.

1998. Prémio de Carreira da Primeira Bienal Ibero-Americana de Arquitectura e Engenharia Civil, Madrid.

2003. Recebe a Medalha de Ouro da cidade de Guimarães. Recebe o grau de Doutor Honoris Causa, pela Università Iuav, de Veneza.

2005. Fernando Távora morre no Porto, a 3 de Setembro. A OA-SRN instituiu o Prémio Fernando Távora onde, anualmente, se atribui uma bolsa de viagem à melhor proposta de viagem apresentada por arquitetos de entre todos os inscritos na OA. A partir de 2020, a Fundação Marques da Silva adere como entidade parceira.

Bibliografia Básica de textos da autoria de Fernando Távora

AAV. Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa:
Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

Esposito, Antonio & Giovanni Leoni. Fernando
Távora. Opera completa. Milano: Electa, 2005.

Esposito, Antonio, Giovanni Leoni & Raffaella
Maddaluno. Fernando Távora. Diario di bordo.
Siracusa: LetteraVentitdue, 2022.

Távora, Fernando. “Fernando Távora: Minha casa”. Manuel
Mendes (coord.) (4 fascículos). Porto: FIMS-FAUP, 2015.

Távora, Fernando. Diário de “bordo”. Matosinhos:
Casa da Arquitectura, 2012.

Távora, Fernando. “Imigração/Emigração. Cultura Arquitectónica
Portuguesa no Mundo”. In: Arquitectura do Século XX.
Portugal. Munich – New York: Prestel, 1997, pp. 141-142.

Távora, Fernando. “Evocando Carlos Ramos”,
rA–Revista da Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto, n.º 0, 1987, p. 75.

Távora, Fernando. “O encontro de Royaumont”,
Arquitectura, n.º 73, 1963, p. 1.

Távora, Fernando. Da Organização do Espaço
(1962). Porto: FAUP Publicações, 1999.

Távora, Fernando. “Casa em Ofir”,
Arquitectura, n.º 59, 1957, pp. 10-13.

... e diversas investigações que resultaram em
dissertações de mestrado e teses de doutoramento
disponíveis em repositórios académicos.

**Exposição na Galeria da Sede Nacional
da Ordem dos Arquitectos, Lisboa**

13 a 28 de fevereiro de 2025

Ideia, conceção e coordenação

Sofia Aleixo, Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos
Arquitectos / Cultura e Promoção da Arquitetura

Participantes

Estudantes do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE,
ISMAT e UÉ, sob orientação, respetivamente, dos docentes
Alexandra Paio (com doutorandos Lorenzo Iannizzotto e Raquel
Lopes); Cláudia Gaspar; e Sofia Aleixo, João Santa Rita e
Catarina Almada Negreiros.

Textos

Avelino Oliveira
Alexandra Paio, Lorenzo Stefano Iannizzotto,
Raquel Gameiro Lopes
Cláudia Gaspar
Sofia Aleixo

Produção

Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Arquitectos
Ana Paulista, Cristina Meneses, Hugo Rocha, Maria Miguel e
Rui Seco

Design

Diogo Alexandre

Impressão

Digiset, Printshop

Apoio

Todos os documentos reproduzidos integram o acervo
documental pertencente ao Professor Arquiteto Fernando
Távora (1923-2005), que constitui o Sistema de Informação
Fernando Távora, Centro de Documentação e Investigação de
Cultura Arquitetónica da Fundação Instituto Arquitecto José
Marques da Silva – FIMS

Agradecimentos: A todos aqueles que, com o seu trabalho
e entusiasmado, participaram na construção desta edição
do Glossário, ao ágil contributo da FIMS, nas pessoas do
arquiteto Luís Urbano e da arquivista Conceição Pratas, e ao
patrocinador exclusivo, a Sanitana, que viabilizou a produção
da exposição e da publicação que a acompanha.

Patrocinador exclusivo

Sanitana

Ideia, conceção e coordenação

Sofia Aleixo, Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Arquitectos / Cultura e Promoção da Arquitetura

Participantes

Estudantes do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE, ISMAT e UÉ, sob orientação, respetivamente, dos docentes Alexandra Paio; Cláudia Gaspar; e Sofia Aleixo, João Santa Rita e Catarina Almada Negreiros.

Design

Diogo Alexandre

Impressão

Digiset, Printshop

ISBN: 978-972-8897-82-6

Tiragem: 500 exemplares

Ordem dos Arquitectos, fevereiro de 2025

Conceção e Produção



Apoio

FUNDAÇÃO
MARQUES
DA SILVA

Participação

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

ismat  INSTITUTO SUPERIOR
MANUEL TEIXEIRA GOMES

 UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Patrocinador exclusivo

Sanitana

Próximo número

N.2_Nuno Teotónio Pereira